

1- Dentre os livros possíveis de filosofia, escolheria o livro *Construindo Filosofia*, de Marilene Chauí, para o trabalho com os alunos e alunas. O livro em questão oferece apoio para aquilo que é apontado como a metodologia de ensino de filosofia no ensino médio: o conjunto de atividades para o conhecimento, problematização do conjunto de crenças que os alunos trazem consigo, sem espaço argumentativo muitas das vezes, investigação filosófica baseada nos textos (escritos) clássicos da história da filosofia e o momento onde o estudante é capaz de produzir um pensamento, ou capaz de produzir uma pequena dissertação sobre algum tema filosófico, considerando a autonomia de pensamento crítico e reflexivo, uma das competências e habilidades dos PCNEM para a filosofia.

No livro didático em questão, a autora apresenta, nos capítulos, uma conciliação entre a maneira como o senso comum aborda certas questões, como a da justiça, e a análise filosófica do tema fornecido como exemplo, baseada tanto no seu esforço de explicar as ideias dos filósofos, quanto na apresentação de trechos de textos dos filósofos, considerando a questão da linguagem acessível.

No que diz respeito à questão da ~~possível~~ mobilização para o conhecimento filosófico, aparece no livro escolhido exemplos de filmes ou reportes noticiários que contêm assuntos que estão presentes no horizonte de pensamento das pessoas em geral e dos alunos: temos aí o exemplo de como ela trabalha a alegoria da caverna de Platão a partir do filme *Matrix*. Nesta relação, é possível percebermos a tentativa de temas ^{com} ~~que~~ resíduo de conhecimento, de uma, para ~~os~~ levar os alunos à reflexão, ~~de~~ melhora, à ~~proporção~~ ^{proporção} para a ideia de que no caso de exemplo deste parágrafo, tomamos por verdade e realidade aquilo que é apresentado.

que é por meio da introspecção "conhece-te a ti mesmo"; crítica e reflexiva, o estudante poderá ou aprimorar ou reconstruir conceitos que antes era absorvido por este estudante como verdade e realidade absolutas, ~~algo~~ mas que lhe era algo dado e não construído por via reflexiva e autônoma, baseada dialética herético-platônica.

Após esta etapa, a autora apresenta a teoria do filósofo, em conjunto com trechos de parágrafos escritos pelos mesmos, enfatizando os assuntos, a nível de análise filosófica, que também estão presentes cotidianamente sem banalizar ou reduzir os aspectos essenciais do pensamento do autor. Voltando ao tema da questão de justiça, dentro da visão aristotélica, assim como Chomsky dizente, por exemplo, a relação entre a visão de senso comum de justiça, baseada muitas vezes, na ~~isso~~ desfeite de igualdade, com a visão do filósofo de justiça baseada na equidade. Os trechos de textos apresentados levam os alunos e alunas a confrontarem, por intermédio do professor e buscando o desenvolvimento do pensamento autônomo, a fazerem esta comparação problemática. No tocante aos exercícios, sempre há atividades de visualização de filmes, leitura das análises feitas pela autora e leitura de trechos dos filósofos para que o aluno pense, por ele mesmo nos conceitos que estão presentes na sua realidade, que possa ou reconstruí-los ou construí-los argumentativamente.

Um aspecto importante que se pode notar no livro didático escolhida é a preocupação com a análise das ideias do filósofo. Alguns livros de filosofia apresentam apenas sínteses ou resumos gerais dos pensamentos dos autores, buscando o esgotamento e a cristalização dos conceitos dos filósofos, dando pouco espaço à relação crítica, ampliadora e autônoma entre o próprio conceito do filósofo e o conjunto dinâmico e complexo da realidade do aluno, que é pré-filosófica ou mesmo antifilosófica. A análise significa a apresentação da articulação dos argumentos.

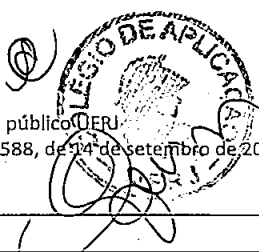
27 As relações interdisciplinares entre as disciplinas escolares como filosofia, história e sociologia, por exemplo, podem ser um dos componentes no tratamento dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e indígena, dentro de um trabalho de profeta escolar mas sem perder de vista a especificidade tanto do método de ensino de filosofia e da avaliação quanto do tema que se pretende discutir dentro dos conteúdos elencados aqui, isto é, a do visão filosófica a respeito da diversidade e inclusão dos segmentos culturais indígena e afro-brasileira baseada na problematização da hierarquia cultural e da compreensão do tema da alteridade.

Uma forma que consideraria importante para se trabalhar os conteúdos acima expostos seria a de produção de uma feira da diversidade cultural, produzidos pelos alunos e alunas com o intermédio do professor, através de um processo que seria composto por: análise, por meio de exposição teórica e debate, sobre como que estas culturas se tornaram importantes historicamente na construção da sociedade brasileira, problematizando, assim, a visão histórica dominante do eurocentrismo a respeito dessa construção; com todo o aparato hierarquizador de seus símbolos e de seu pensamento que terminaram por criar o hábito do estranhamento em relação a estas culturas e a sua estrangeirização, base do preconceito étnico-religioso. Assim, é importante a sensibilização para o fato de que as diferenças culturais, religiosas e de estilo de vida, visões de mundo, por exemplo, não tem como pressuposto a hierarquização mas apenas formas distintas de ser e estar no mundo; para fins de experiência da sensibilidade dessa diferença, não hierárquica e, de modo a ^{obter a} ~~obter a~~ consecução do contato com as culturas indígena e afro-brasileira, realizar visitas a museus (como o museu de índio), visualização de imagens dos símbolos culturais dos índios e afros do Brasil e mesmo con-



vidando membros das Comunidades indígenas e qui lombos, por exemplo, para explicarem simultaneamente ou por palestras como funcionam estas manifestações culturais no tocante à religião, visão de mundo e hábitos alimentares por exemplo com o objetivo de mostrar como que estes elementos são partes constituintes da realidade, alienada ~~pelos~~ ^{pela} visão dominante eurocêntrica. O investimento iconográfico é importante para que os alunos e alunas possam desenvolver a habilidade de articular conceitos (como o de alteridade - outro) com base em argumentos. Considera a alteridade não para reforçar hierarquias culturais mas para a problematização do estranhamento.

A culminância seria a montagem e apresentação da feira. Equipados com os subsídios teóricos, possibilidade de autonomicamente articular argumentos a respeito da diversidade e da problematização do estranhamento do diferente e com a experiência visual, os alunos apresentarão ou conduzirão a feira de modo a apresentar os conteúdos sobre a influência e presença das componentes culturais indígenas e afro no nome cotidiano em contato com as experiências pessoais e reflexivas a respeito da diversidade cultural. Importante dizer que esta feira, sugerida como forma de trabalho os conteúdos de histórias indígenas e afro-brasileiras, não deve ser mera reprodução contundista, mas apresentação dos resultados de suas experiências pessoais com estes segmentos de modo a poder trabalhar o problema do estranhamento e hierarquizações culturais, nos seus aspectos religiosos, de visão de mundo e estilo de vida, enfim, nos modos de ser e estar no mundo definidos pela formação dominante de apresentar a formação da sociedade brasileira. E ainda, de como que se construiu, por meio das análises das relações de poder, estas hierarquizações.



3- A especificidade do ensino de filosofia no ensino médio, consiste no ensino de experiências de pensar reflexivo, crítico e autônomo. Isto exclui, portanto, o contundismo ou o simples memorizar das teorias filosóficas e, também a leitura mecanizada de textos filosóficos cujas ideias dos autores não têm nenhuma conexão com a realidade do aluno, com as ~~suas~~ questões que se apresentam a ele. A experiência do pensamento reflexivo passa pela capacidade de ler filosoficamente textos filosóficos e não filosóficos, significando que o aluno e a aluna se tornam capazes de perceber, eliminar os conceitos apresentados e como que os argumentos se articulam, se relacionam dentro destes textos e compará-los com a sua realidade argumentativamente e significativamente.

Partindo da frase "só é possível aprender a filosofar", podemos refletir sobre a função ou o papel do professor na sala de aula. Entende-se que o papel de mediador pode ser entendido como um dos papéis mais adequados para o ensino de filosofia. Na apresentação dos conteúdos filosóficos, o professor deve evitar o doutrinarismo, pois há uma lacuna entre a exigência para o conhecimento filosófico e os recursos que, no momento, o aluno dispõe; recursos cognitivos, por exemplo que ainda não são suficientes para superar as exigências para o conhecimento filosófico. A mediação, portanto, consiste numa aproximação entre estes dois polos que, a princípio, não são familiares um ao outro. Ao final desta mediação, o aluno e a aluna devem ser capazes de olhar para os seus conceitos e buscar ou a presença ou constatar a ausência de argumentos que possam ou não fundamentar os seus conceitos. É importante ressaltar que dentro deste discurso kantiano, a mediação deve ser temporária. O aluno e a aluna devem ser capazes de pensar somente crítico, reflexivo e autônomo. Se permanecer a mediação, prolongar-se-á, de forma indefinida, a minoridade do homem,

que seria "a incapacidade de usar o entendimento sem a direção de outros".

Nesse sentido, a avaliação em Filosofia deve ter o cuidado de oportunizar ao aluno a consciência de fazer leitura filosófica dos textos e de construir sucessionalmente os conceitos a partir da articulação de argumentos. Com isso, eschui-se a função meramente reprodutiva de conteúdos ou decoreado dos mesmos. É possível, como um dos exemplos de avaliação e trabalho com textos filosóficos, devidamente decodificados pelo professor e sem perder as ideias essenciais dos mesmos, de modo que o aluno esquematize, por ele mesmo, os conceitos que aparecem nos textos e exponha os argumentos que fundamentam tais conceitos. Outra forma indicada de avaliação seriam trabalhos de grupo (de poucos integrantes para evitar a dispersão). Ao trabalhar, por exemplo, o enunciado sobre como que julgamos moralmente pessoas e situações, o professor, em sala de aula, analisariam alguns casos: como o de uma pessoa que foi obrigada a participar de um assalto a banco, por motivo de sequestro, e resolveu matando alguém. Como atribuir ~~a~~ culpa à pessoa que, orientadamente e não por vontade própria, participou deste evento. Ela é criminosa, por isso? Como definir o justo e o injusto? A justiça? Uma terceira sugestão é a autoavaliação, seja redacional, seja através de montagens de vídeos apresentando ^{como que} ~~o~~ ~~aluno~~ ~~o~~ ou a alunas, ^{haveriam} ~~haveria~~ ~~perceber~~, por exemplo, a atitude de pessoas que estão dentro da caverna de Platão bem como a postura filosófica de algumas pessoas que, por meio da autonomia do questionamento, saíram da ignorância e passaram a ajudar os outros a fazer o mesmo, estimulando o pensamento crítico. No caso de vídeos, faça-se fazer a correlação iconográfica, a seja, relacionando a imagem do seu cotidiano, entre a explicação platônica da caverna e o modo como as pessoas se mantêm na ignorância. A avaliação é também uma maneira de observar como que o aluno e a aluna se familiarizaram com o conteúdo.